

LABORATÓRIO DE ENSAIOS E IMPREVISTOS: PRÁTICAS MÍNIMAS PARA O AGORA.

Meline Coelho da Costa¹, Marcelo Araújo², Thaís Alves³, Bianca Scliar Cabral⁴

¹ Acadêmica do Curso de graduação em Artes Visuais – CEART - bolsista PROBIC/UDESC

² Acadêmico do Curso de graduação em Artes Cênicas- CEART- bolsista PROBIC/UDESC

³ Acadêmico do Curso de graduação em Artes Cênicas- CEART- bolsista PROBIC/UDESC

⁴ Orientador, Departamento de Artes Cênicas- CEART- bibimove@gmail.com

Palavras-chave: Condições permissivas. Improvisação. Inframince.

Esta pesquisa dedica-se a investigar as intersecções entre a dança *site-specific* e a filosofia através da produção de eventos híbridos e processos interdisciplinares. Nesse primeiro ano investimos em uma abordagem processual para conceber um corpus teórico a partir da filosofia especulativa com o intuito de contemplar especificidades e tensões entre ensaio e composição. A partir dos encontros teóricos, que ocorreram através de leitura, tradução e discussão de textos, integramos conceitos da filosofia processual de A. N. Whitehead e W. James, assim como os dos filósofos G. Deleuze, B. Massumi, E. Manning e F. Nietzsche. Conceitos como os de inframince, diferença, incompleição e inflexão despertaram as indagações acerca de como a cena e a improvisação contemporânea articulam as ideias de colaboração a partir de um mínimo esforço. Como criar ênfase nos detalhes que articulam a experiência estética e ainda como conceber práticas que desviem o olhar de um antropocentrismo cênico, concebendo a performance a partir de uma perspectiva não antropocêntrica das relações de movimento? Quais as mínimas condições para uma coerência na improvisação? Essas questões foram levadas para os encontros práticos e o principal desafio foi criar proposições de improvisação que não caíssem nos paradigmas de como compreendemos o ensaio no senso comum, ou seja, como uma preparação para um evento por vir. Neste artigo exploro o conceito proposto por Marcel Duchamp, do inframince, exemplificando como foi explorado enquanto chave para a composição.

Sugere-se uma estratégia de entrelaçamento conceitual que se aproxima ao modo através do qual as decisões são tomadas durante um processo de improvisação, onde cada movimento demanda o seguinte. Assim convidamos à especulação sobre os processos de decisão e coerência, tanto no campo da filosofia processual aplicada à estética contemporânea, quanto às próprias estratégias de improvisação em dança elaboradas ao longo da pesquisa.

É recorrente o uso do conceito de experiência, entretanto permanece a dificuldade de utilizar a especulação como método, com a manutenção do rigor investigativo. Não importa o porto-seguro conceitual que nos ofereceu o levantamento bibliográfico no campo da improvisação, mas sim a habilidade em tecer relação seguintes, que inevitavelmente sintonizavam o rumo do laboratório e das produções do grupo.

Para tanto considero a arte relacional tal como nos propõe Erin Manning, como uma série de técnicas para mover-se com o outro onde não se faz alusão nem ao tempo nem ao espaço, mas tece-se sim o deslocamento como ontologia fundamental do encontro. Finalmente, indico através de exemplos práticos e dos ensaios escritos como a relação tornou-se inseparável tanto dos

evento (performances) quanto do ‘tema’ abordado, onde a proposição estética deixa de ser ilustrativa e passa a integrar a construção do pensamento em si. É a contínua instabilidade que permite o processo de co-operação entre corpo e espaço, corpo e outro, instabilidade esta que é transformada em potencia de encontro pela prática da improvisação. (GIL, 2009)